



SOFRIMENTO PSÍQUICO EM ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO: reflexões sobre os impactos do neoliberalismo

DOI: 10.22289/2446-922X.V9N2A1

Socorro Taynara Araújo **Carvalho**¹
Sâmnia Rodrigues de **Souza**
José Antônio dos Santos **Filho**
André Sousa **Rocha**

RESUMO

O presente estudo de caráter ensaístico discute o sofrimento psíquico em estudantes de pós-graduação atrelados à perspectiva neoliberal. Deste modo, aponta-se que a lógica neoliberal adentra a universidade sem muito esforço, haja vista que as instituições de ensino superior não estão apartadas da sociedade. Em consequência, a medicalização da vida se faz presente na medida em que a dinâmica de “sucesso/fracasso” é individualizada, de modo que os transtornos psíquicos aparecem enquanto produtos de responsabilização única do sujeito. Em contrapartida, ao uso das medicações psiquiátricas, foi possível identificar caminhos outros feitos pelos discentes referentes aos cuidados em saúde mental, a exemplo: a participação em grupos terapêuticos. Por fim, destaca-se a necessidade de desenvolver mais estudos sobre a temática, considerando que a maioria dos trabalhos encontrados findam por replicar o discurso neoliberal.

Palavras-chave: Saúde mental; Universidade; Capitalismo.

PSYCHIC SUFFERING IN GRADUATE STUDENTS: reflections on the impacts of neoliberalism

ABSTRACT

This essay study discusses psychic suffering in graduate students linked to the neoliberal perspective. In this way, it is pointed out that the neoliberal logic enters the university without much effort, given that higher education institutions are not separated from society. As a result, the medicalization of life is present as the “success/failure” dynamic is individualized, so that psychic disorders appear as products of the subject's sole responsibility. In adherence to the use of psychiatric medications, it was possible to identify other paths taken by students regarding mental health care, for example: participation in therapeutic groups. Finally, the need to develop more studies on the subject is highlighted, considering that most of the works found are intended to replicate the neoliberal discourse.

Keywords: Mental health; University; Capitalism.

¹ Endereço eletrônico de contato: taynaracarvalhopsi@gmail.com

Recebido em 29/05/2023. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 07/07/2023.



SUFRIMIENTO PSÍQUICO EN ESTUDIANTES DE GRADUACIÓN: reflexiones sobre los impactos del neoliberalismo

RESUMEN

El presente estudio de carácter ensayístico pretende discutir el sufrimiento psíquico en estudiantes de posgrado vinculados a la perspectiva neoliberal. De esta forma, se señala que la lógica neoliberal ingresa a la universidad sin mucho esfuerzo, dado que las instituciones de educación superior no están separadas de la sociedad. Como resultado, la medicalización de la vida se hace presente en la medida en que se individualiza la dinámica “éxito/fracaso”, de modo que los trastornos psíquicos aparecen como productos de la responsabilidad exclusiva del sujeto. En contraste con el uso de medicamentos psiquiátricos, fue posible identificar otros caminos recorridos por los estudiantes en relación con la atención a la salud mental, por ejemplo: la participación en grupos terapéuticos. Finalmente, se destaca la necesidad de desarrollar más estudios sobre el tema, considerando que la mayoría de los trabajos encontrados terminan replicando el discurso neoliberal.

Palabras clave: Salud mental; Universidad; Capitalismo.

1 INTRODUÇÃO

É recorrente, deparar-se com casos de adoecimento mental provenientes da inserção de estudantes em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, ou seja, mestrado e doutorado. Tais períodos têm sido marcados por pressões excessivas que seguem a lógica da produtividade, e afetam as vivências individuais e intersubjetivas desses sujeitos, em troca de um senso de competência, produção e sucesso, característica do sistema capitalista e seus dispositivos de supremacia (Costa & Nebel, 2018).

Nessa direção, fruto desse sistema e suas sementes na contemporaneidade, surge o que se pode chamar de neoliberalismo. Essa lógica estrutura e controla a sociedade e seus sujeitos por meio de pautas de superação da realidade vigente diante de um modelo de superprodução, o qual produz um novo padrão de subjetividade, compreendido de maneira ilusória como individual e apartado das mazelas do mundo que o circunda. Todavia, é preciso salientar que não é possível apagar as marcas deixadas por essa realidade, que concebe novas formas de sofrimento (Oliveira, 2022).

Assim, quando se trata de sofrimento psíquico, logo, a sociedade é conduzida e convocada a pensar em saúde mental e terapias psicofarmacológicas. No entanto, por vezes, há o esquecimento de propor atividades de reflexão sobre os impactos causados pela estrutura social em que a sociedade está inserida, além da lógica de competição neoliberal empresarial, sustentada no que é categorizado como “fracasso-êxito”. Esse raciocínio gera diversas angústias relacionadas ao isolamento social, meritocracia, precariedade do trabalho e desemprego (Safatle, Silva Junior & Dunker, 2021).



Diante dessa lógica, que defende o individualismo como configuração da realidade, às clássicas redes de apoio comunitário frente ao sofrimento psíquico tornaram-se obsoletas. Em seu lugar, instaura-se a concepção de que os problemas dos sujeitos são de responsabilidade individual, e que cabe a cada sujeito lidar com suas questões e caso não consigam, são considerados “fracassados”, pois, não se esforçaram de maneira suficiente para atingir seus objetivos. Esse formato de vida, que cultua o êxito, nega as condições de sofrimento como um componente que faz parte da existência, geram sofrimento psíquico. Logo, parte-se para as formas terapêuticas individuais, deixando de considerar o outro, como parte fundamental para desenvolver redes de amparo e de solidariedade social (Caponi, 2022).

Nessa perspectiva, o neoliberalismo produz impactos nos grupos sociais, incluindo os estudantes de pós-graduação, que se constitui como público-alvo deste estudo. Segundo uma matéria realizada pelo jornal da Universidade de São Paulo (USP) em 2021, um estudo publicado na *Global Student Survey*, do site estadunidense de educação Chegg, sete em cada 10 universitários brasileiros estão sofrendo de problemas de saúde mental devido à pandemia. Dos mil universitários entrevistados, 87% apresentam problemas de ansiedade e estresse (Ferro, 2021).

Ainda consoante o jornal da USP, os estudos acima foram corroborados por uma pesquisa feita pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP) da mesma universidade, em que foram avaliados mais de 47 mil pós-graduandos ligados a universidades de todo o País. Os resultados apontaram “que o estresse vivido por estes estudantes, com a pressão da universidade e as mudanças repentinas nos métodos e rotinas, está interferindo diretamente na produção dos trabalhos e pesquisas” (Ferro, 2021).

Sendo assim, observa-se nas redes sociais, particularmente em grupos de *facebook* e *whatsapp* utilizados por vários estudantes de mestrado e doutorado para proferir discursos de esgotamentos físico e mental, sintomas de ansiedade, angústia e insônia, o que pode culminar, por vezes, em comportamentos de ideação suicida. Na necessidade de serem escutados, acolhidos e validados em suas dores, os dispositivos em tela possuem a potência de uma rede de apoio em constante movimento de atualização, reconhecimento e identificação entre os pares. Tendo em vista que até mesmo a forma com que o sofrimento humano é compartilhado e tem a liberdade de ser sentido é permeado da dinâmica de poder hegemônico (Maia, 2022).

Ainda que sutilmente exista um movimento das produções acadêmicas em discutir a temática da vida universitária, uma parcela significativa destes manuscritos têm como público-alvo os estudantes de graduação. Deste modo, os pós-graduandos ainda permanecem periféricamente do debate no tocante à dinâmica estudo em comparação a saúde mental (Ferro, 2021).

Neste sentido, acreditando na necessidade e na potência desta discussão, o presente trabalho objetivou discutir o sofrimento psíquico em estudantes de pós-graduação atrelados ao impacto do neoliberalismo. Considera-se, ainda, necessária uma produção engajada de



conhecimento que possibilite refletir de forma crítica os processos formativos das pós-graduações brasileiras.

2 NEOLIBERALISMO E PRODUTIVIDADE NAS UNIVERSIDADES

Em uma sociedade sustentada pela lógica produtivista, a universidade enquanto instituição é incluída na cultura, sendo também concebida e impactada pelo sistema capitalista (Tanaka, Furlan, Branco & Valerio, 2016). Com a expressiva expansão dos programas de pós-graduação no Brasil, as publicações de artigos científicos em periódicos também aumentaram, apontando para uma dedicação e investimento em pesquisa, dos estudantes e professores dessa modalidade de ensino (Ministério da Ciência e Tecnologia, 2010).

Apesar disso, esse processo não ocorre de forma indolor, já que as pós-graduações obedecem à lógica neoliberal, partindo dos princípios da produtividade, controle e eficácia. Esses fatores promovem uma busca desenfreada pela produção científica e qualificação, sendo permeada por uma rotina de pressões e prazos (Costa & Nebel, 2018).

Esse formato produtivista é semelhante aos modelos organizacionais e empresariais, em que a universidade, ao invés de ser promotora de potências de vida, se transforma em uma organização que funciona a partir do mercado (Tanaka *et al.*, 2016). Nesse sentido, as pós-graduações apresentam em suas principais características a “gestão, planejamento, previsão, controle e êxito” (Chauí, 2003, p. 6).

Nessa perspectiva, a universidade tem sido avaliada cada vez mais por um viés quantitativo, ligado ao constante produzir, partindo de um modelo instrumental, em que a educação é reduzida a números, probabilidades e fórmulas. Assim, esse espaço se torna adoecedor e alienado, pois deixa de considerar os sentidos e significados da criação científica, e preocupa-se apenas com a atualização do currículo *lattes* de seus discentes. Logo, o mero treinamento toma o lugar das indagações (Coelho & Furtado, 2016).

Dessa forma, o controle social, marcado pelo discurso ideológico da meritocracia, não se trata de uma situação externa ao sujeito, mas algo velado e internalizado (Barbosa, 1996). Essa lógica sustenta a manutenção dos privilégios, divulgada amplamente pelo “ideário do sistema capitalista, que é vista de maneira a considerar justa que aqueles que se esforcem mais recebam recompensas por isso, apesar da desigualdade de condições” (Santos, 2021, p. 53). Tais processos se operacionalizam nas pós-graduações, gerando uma política de culpabilização nos discentes, que por vezes não conseguem alcançar os altos padrões de desempenho. Consequentemente, os sujeitos se colocam na posição de comparar-se com o outro, motivando a competitividade e a busca pelo mérito individual (Chitolina, 2022).



Nesse viés, para o capitalismo, é fundamental que o sujeito autônomo se destaque. Assim, os docentes e discentes precisam se adaptar às imposições mediadas pela configuração externa das necessidades mercadológicas e exigências do neoliberalismo. É preciso sublinhar que essa lógica não respeita os trabalhos intelectuais e nem as particularidades socioculturais que permeiam cada sujeito (Santos, 2021).

Adicionalmente, é importante ressaltar o papel dos orientadores na pós-graduação, por um lado, enquanto possíveis aliados dos estudantes em seu processo de pesquisa, assumindo um lugar de formação crítica e questionadora, capaz de norteá-los a conscientização das lógicas de dominação, apontando para uma academia que seja instrumento de transformação social. Por outro lado, o mergulho na perspectiva neoliberal pelos professores, cria uma distância entre discente e docente, seguindo os fundamentos de hierarquização e poder de funções, ocasionando medo e angústia nos acadêmicos (Chauí, 2000).

Diante disso, os discentes de mestrado e doutorado têm enfrentado diversos problemas que geram sofrimentos psíquicos, a saber: “um contexto competitivo, dificuldades de relacionamento, padrões individualistas de aprendizagem, enorme pressão por desempenho e sobrecarga de atividades” (Santos, 2021, p. 20). Esses fatores, acarretam dificuldades dos estudantes em conciliar o âmbito acadêmico com a vida pessoal, ocasionando, ausência de lazer, obstáculos em seus relacionamentos interpessoais, adversidades financeiras, além de ansiedades e depressão por esse contexto caótico (Neponuceno, Souza & Neves, 2019).

Logo, as Instituições de Ensino Superior (IES) geram um sofrimento psíquico atravessado pelo mal-estar oriundo da cultura. Apesar disso, a universidade também pode ser um espaço de construção de conhecimento crítico, que reflete sobre estruturas sociais neoliberais e seus impactos sobre si, denunciando as desigualdades sociais criadas pelo capital. Assim, é importante lutar por uma universidade crítica e suprimir a burguesia que não possibilita transformações reais, sendo capaz de aumentar ainda mais os sofrimentos ético-políticos (Thayer, 2002). “Essa divisão é, em grande medida, didática, pois a instituição universitária pode ser mais crítica em algum aspecto, burguesa e conservadora em outro, e estabelecendo e manifestando a possibilidade de contradição que permeia a própria cultura” (Santos, 2021, p. 28).



3 MAL- ESTAR E MEDICALIZAÇÃO DA VIDA

A medicalização enquanto fenômeno constitui-se como o processo de transformar experiências consideradas indesejáveis ou perturbadoras em objetos da saúde, permitindo um deslocamento do que seria originalmente de ordem social, moral ou política para os campos da medicina e práticas afins. Além disso, a construção dos sistemas classificatórios dos transtornos mentais partindo do processo histórico pelo qual a medicina foi paulatinamente se transformando em uma ferramenta de controle social, tomando assim o lugar que antes era ocupado pela religião e pela lei (Freitas & Amarante, 2015).

A intervenção medicamentosa em psiquiatria emerge em meio a Segunda Guerra Mundial, em que mesmo de forma tímida a população americana tomou ciência das atrocidades que ocorriam no interior das instituições asilares, chegando a comparar esses locais com os campos de concentração nazistas. A ideia de encontrar uma causa biológica ao sofrimento psíquico veio na intenção de proporcionar tratamentos melhores ao substituir o tratamento moral. Havia, portanto, uma expectativa baseada no potencial sucesso dos antibióticos naquela época e rapidamente a indústria farmacêutica se prontificou a suprir e capitalizar essas expectativas (Whitaker, 2017).

De acordo com Amarante (2008), uma perspectiva que contribuiu para o processo de medicalização é o conceito de medicalização preventiva, que surge a partir dos estudos do psiquiatra Gerald Caplan, que adotou um método a partir da história natural das doenças, pressupondo a linearidade no processo saúde/doença. Por conseguinte, partindo desta ideia, toda enfermidade pode ser prevenida desde que detectada inicialmente. Tal noção de medicina preventiva logo atingiu o campo da psiquiatria, de modo que para alguns estudiosos foi de relevância para um novo projeto de medicalização da ordem social.

Whitaker (2017) salienta que o modelo biologicista dos transtornos psíquicos é predominante no campo denominado de “saúde mental”. Sua teoria é o de que tais transtornos, enquanto categorias diagnósticas, têm como base material possíveis desequilíbrios químicos no cérebro, disfunções psicológicas e/ou forças psíquicas inconscientes.

Dunker (2015) aponta que o discurso proposto no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) não se restringe como um material de uso exclusivo da psiquiatria, sendo empregado pela sociedade na totalidade. Assim sendo, as narrativas de sofrimento são intensamente rotuladas por termos presentes nos DSMs, marcando o início da medicalização como resposta ao sofrimento nomeado nesses termos.

Em “Patologias do social: uma arqueologia do sofrimento psíquico” Safatle, Da Silva Júnior e Dunker (2018) mapeiam as diferentes mudanças dos sistemas de diagnóstico, desde a psicopatologia clássica do século XIX, passando pela psicanálise e chegando aos grandes sistemas classificatórios, como os DSM's, editado pela Associação Americana de Psiquiatria, e as



Classificações Internacionais de Doenças (CID), compilado pela Organização Mundial da Saúde. Nesta perspectiva as psicopatologias apresentavam ligação com uma “política de sofrimento” que por sua vez confirmavam e replicavam políticas específicas no que se refere aos modos de subjetivação. Deste modo, ainda segundo os mesmos autores:

É possível afirmar, sem muito esforço, que cada época prescreve a maneira como devemos exprimir ou esconder, narrar ou silenciar, reconhecer ou criticar modalidades específicas de sofrimento. Isso explica a emergência e o declínio sazonal de determinados quadros clínicos em detrimento de outros. Isso se tornou assombrosamente explícito quando, no contexto do neoliberalismo, encontramos manuais e estratégias para literalmente confeccionar novas doenças, para as quais se dispõe de novas medicações (Safatle, Silva Junior & Dunker, 2021, p.05).

Diante do exposto é possível traçar um paralelo da relação entre o sofrimento psíquico em estudantes universitários e a lógica neoliberal haja vista que “o universo da educação universitária há a reprodução dessa questão que é mundial, até por não estar deslocado do mundo” (Maia, 2022, p.21). Neste caminho, a medicalização se faz presente à medida que a própria cultura universitária que promove determinado sofrimento e adocece, culpa o sujeito depressivo que por fim buscará formas de anestésias as “dores” que sente (Santos, 2021).

4 ESTRATÉGIAS DE CUIDADO EM SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO

O contexto acadêmico tem se apresentado como fator determinante no bem-estar de pós-graduandos, enquanto diferentes vivências destes estudantes são fortemente atravessadas por constantes discursos que apregoam competitividade, cobranças excessivas e desempenhos de produtividade. Por vezes, tal discurso acarreta esgotamento físico e emocional, abrindo espaço para tratar pautas críticas de resistências em cuidado à saúde mental e suas dimensões de mútua afetação na vida destes sujeitos (Pinzón, Sanchez, Machado & Oliveira, 2020).

A susceptibilidade no bem-estar emocional dos acadêmicos representa um chamado para estabelecer pautas em saúde mental, desenvolvimento de recursos para a construção de carreira e reflexão acerca da cultura acadêmica sustentada no produtivismo (Pinzón et al., 2020, p. 198).

Afetados por essa lógica, em estudo recente Reis, Ragnini e Boehs (2021) mencionam que para estudantes de mestrado e doutorado o uso de psicofármacos são estratégias utilizada de maneira frequente, uma vez que embutidos de diagnósticos nosológicos ou não, tal comportamento sustenta seu ingresso no curso e o auxilia nos enfrentamentos dos processos de adoecimentos psíquicos. Ainda conforme os aludidos autores:



Aquele acometido por um adoecimento psíquico, muitas vezes engendrado ou potencializado no próprio contexto da pós-graduação, tem sua permanência no programa ameaçada. Para evitar ser excluído do processo, há um desgaste ainda maior, sendo que os alunos recorrem, por vezes, ao uso de medicamentos e tratamento psiquiátrico para enfrentarem o alto grau de exigência, pressão por publicação e sobrecarga de trabalho (Reis, Ragnini & Boehs, 2021, p. 54).

Em contrapartida Prado, Uemura, Lucas Freitas e Soboll (2021) & Assis, Ribeiro, Reis, Vaz, Anselmo e Neto (2021) indicaram grupos terapêuticos de apoio mútuo entre os discentes como um potente meio de escuta atenta e acolhimento das queixas trazidas por eles. Estes locais criam espaço de fala e de ressignificação de experiências, ora similares, ora distintas, mas são respeitadas em suas diferenças. Desta maneira, podem ser vistos para além dos sintomas psicopatológicos, resgatando seu lugar de sujeito que sente e é atravessado pela dinâmica social.

Ainda na direção dos grupos, é significativo frisar que as redes sociais têm sido encaradas e utilizadas pelos discentes de pós-graduação criativamente como estratégia de suporte emocional. Nestes ambientes virtuais, motivados pelo sigilo, a confiança e até mesmo por falta de opções mais robustas por parte dos estudantes, são contados depoimentos de sofrimentos e adoecimento emocional, em que o processo de permanência no raciocínio produtivista acadêmico é a causa. Nesse espaço, encontra-se no mínimo alguém que já vivenciou ou atualmente está passando pela mesma experiência, o que, geralmente, traz alívio (Ciscon-Evangelista, De Souza & Menandro, 2015).

Na solidão deste nefasto sistema, compete aos programas de pós-graduação *stricto sensu* criar métodos, técnicas e estratégias que repensem suas excessivas demandas e que se ocupem em retirar o estigma replicado pela doença e, conseqüentemente, a medicalização da vida de universitários, por meio da ampliação e fortalecimento de políticas de atenção à saúde mental voltadas a esse público (Reis, Ragnini & Boehs, 2021). Assim, como se torna necessário na atual conjuntura o desenvolvimento de políticas públicas em saúde mental que atenda a esse grupo, advindas do governo federal.

Outrossim, é perceptível que o modelo educacional adotado pelos programas de pós-graduação brasileira necessita ser repensado e atualizado em seus múltiplos contornos. Nesse sentido, uma estratégia para isso seria retomar o princípio do prazer em realizar pesquisa que dialoguem com a realidade vivenciada pelo pesquisador e seja amparada por seu orientador e/ou grupo de pesquisa; a ele sejam oferecidas oportunidades várias de ser assistido em suas dificuldades num movimento de compressão e empatia, que acontece pela dimensão de afetação via diferença. Desta maneira, estaríamos construindo possibilidades de resistência da realidade opressora (Coelho & Furtado, 2016).



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, neste estudo de cunho teórico, discutir o sofrimento psíquico em estudantes de pós-graduação, tendo como atravessamento à perspectiva neoliberal, que compõe a lógica de funcionamento das instituições de ensino superior. Assim, notou-se que a maioria dos estudos científicos que tratam sobre essa temática, ainda permeiam questões individuais e apontam para transtornos mentais que precisam ser curados, por vezes dialogando com o sistema capitalista, reproduzindo discursos pautados na meritocracia e culpabilização dos sujeitos, que priorizam uma formação meramente quantitativa, focando em padrões que atendem a produtividade acadêmica

É evidente o entendimento de que a lógica opressora atual, sustentada há séculos por discursos de supremacia de um sistema excludente, que determina um modelo idealizado de estudante inalcançável numa multidão de casos, necessita ser repensada. Uma vez que a universidade está sendo continuamente convocada pelos discentes em graduação e pós-graduação a criar espaços formativos de respeito e acolhimentos das múltiplas diferenças dos sujeitos que a circunda, rompendo com a ideia de adoecimento desgarrado do contexto social crítico.

Finalmente, na tentativa de convocar outros pesquisadores a se interessarem por essa temática tão relevante, aponta-se que este artigo não teve a mínima intenção de sanar as lacunas teóricas acerca do sofrimento psíquico em estudantes de pós-graduação e o impacto do neoliberalismo, tampouco de esgotar as possibilidades de discussão e perspectiva da temática. Na contramão dessa ideia, aponta-se ser primordial que próximos estudos sejam realizados de maneira a questionar tal sistema e elucidar suas múltiplas facetas. Portanto, lança-se o seguinte questionamento para estudos vindouros: quais implicações a lógica neoliberal exerce na formação acadêmica e quais os seus impactos?

9

6 REFERÊNCIAS

- Amarante, P. (2008). Saúde Mental e atenção psicossocial. (2). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Assis, A. D., Ribeiro, G. M., do Reis, V. W., Vaz, M., Anselmo, N. C., & Neto, E. R. d. S. (2021). Rev. Alemur, 6(1), p. 44-54, 2021. <https://periodicos.ufop.br/alemur/article/view/4241>
- Barbosa, L. (1996). Meritocracia à brasileira: o que é desempenho no Brasil? *Revista do Serviço Público*, 47(3), p. 58-102.
<https://repositorio.enap.gov.br/handle/1/1309#:~:text=O%20artigo%20trata%20da%20quest%C3%A3o,formais%20e%20sua%20legitimidade%20social>
- Caponi, S. N. C. (2022). O sofrimento psíquico em tempos de neoliberalismo. In DIEHL, Eliana Elisabeth. *Antropologias do contemporâneo: uma homenagem a Sônia Weidner Maluf*. p. 115-130. Florianópolis: Editora da UFSC.



- Chauí, M. (2003). A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista brasileira de educação*, p. 5-15. <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/n5nc4mHY9N9vQpn4tM5hXzj/?format=pdf&lang=pt>
- Chauí, M. (2000). Resistir às determinações do mercado, em busca da autonomia do saber. *Revista da Adusp*, 21, p. 48-54. <https://www.adusp.org.br/files/revistas/21/r21a09.pdf>
- Ciscon-Evangelista, M., Ranzani De Souza, M., Lima & Menandro, P. R. M.. (2015). Agradecimentos: dificuldades, conquistas e rede social de apoio de estudantes de Pós-Graduação stricto sensu. *Revista da SPAGESP*, 16(1), p. 12-27. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v16n1/v16n1a03.pdf>
- Garcia da Costa, E., & Nebel, L. (2018). O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. *Polis. Revista Latinoamericana*, 50, 2018. <https://www.scielo.cl/pdf/polis/v17n50/0718-6568-polis-17-50-00207.pdf>
- Coêlho, I. M., & Furtado, R. M. M. (2016). Universidade e ensino: treino ou formação. Universidade, cultura, saber e formação. Campinas, SP: Mercado das Letras, p. 87-107. https://www.unisantos.br/wp-content/uploads/2017/01/ebook_universidade_espaco_formacao_sujeitos.pdf
- Chitolina, C. L. (2022). Sociedade do Desempenho, Meritocracia e Educação: Uma abordagem crítica. In Costa, Márcio Moreira. *Fascismo e Ideologia: Diálogos Identitários e de Gênero, Democráticos e Socioambientais*. Curitiba: Editora Appris.
- Reis, T. S. D., Ragnini, E. C. S., & Boehs, Martins de Toledo, S. (2021). Sofrimento psíquico e uso de psicofármacos entre estudantes de Pós-Graduação. *Rev. Nufen: Phenom. Interd*, 13(2), p. 54. <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/nufen/article/view/22445>
- Dunker, C. I. L. (2015). Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo editorial.
- Ferro, P. (2021). Estudo expõe realidade de alunos de pós-graduação brasileiros em meio à pandemia. *Jornal da USP*. <https://jornal.usp.br/ciencias/estudo-expoe-realidade-de-alunos-de-pos-graduacao-brasileiros-em-meio-a-pandemia/>
- Freitas, F., & Amarante, P. (2015). Medicalização em psiquiatria. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Maia, H. (2022). Neoliberalismo e sofrimento psíquico: o mal-estar nas universidades. Recife: Editora Ruptura.
- Ministério da Ciência e Tecnologia. (2010). Plano de ação em ciência, tecnologia e inovação: Principais resultados e avanços. Brasília. <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/676>
- Neponuceno, H. J., Souza, B. D. M. & Neves, N. M. B. C. (2019). Trastornos mentales comunes en estudiantes de medicina. *Revista Bioética*, 27, p. 465-470. <https://www.scielo.br/j/bioet/a/dyRyJRGrKW54p7smzBZrH9z/?format=pdf&lang=es>
- Oliveira, C. S. (2022). Neoliberalismo, sofrimento e indiferença. *Rev. Katál.*, Florianópolis, 25(2), p. 365-373. <https://www.scielo.br/j/rk/a/8KY5H7rgCP9nPzZjbWRsB8q/?format=pdf&lang=pt>
- Prado, A. S., Uemura, I. L. R., de Lucas Freitas, J., & Andréa Pereira Soboll, L. (2021). Rodas de conversa on-line entre estudantes de pós-graduação: um relato de experiência. *Rev. Interações*, 58, pp. 82-103. <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/25136>
- Pinzón, J. H., Sanchez, G. M., Machado, W. D. L., & Oliveira, M. Z. D. (2020). Barreiras à carreira e saúde mental de estudantes de pós-graduação. *Revista Brasileira de Orientação*



Profissional, 21(2), 189-201, p. 198.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-33902020000200007

Safatle, V. S. J. N., & Dunker, C. I. L. (2021). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Safatle, V. S. J. N., & Dunker, C. I. L. (2018). *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Santos, B. N. *O sofrimento psíquico do discente universitário: uma análise crítica*. (2021). Dissertação (Mestrado em psicologia). *Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás*. <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11550>

Tanaka, M. M., Furlan, L. L., Branco, L. M., & Valerio, N. I. (2016). Adaptação de alunos de medicina em anos Iniciais da Formação. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 40, p. 663-668, <https://www.scielo.br/j/rbem/a/PfbGhWKxNk7z3JyjKLSyVNf/?format=pdf&lang=pt>

Thayer, W. (2002). *A crise não moderna da universidade moderna*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Whitaker, R. (2017). *Anatomia de uma epidemia: pílulas mágicas, drogas psiquiátricas e o aumento assombroso da doença mental*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.